

O FRACASSO ESCOLAR NA ÓTICA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cilene Knauf Lopes <ciknauf@yahoo.com.br>¹

Carmem Inêz de Oliveira <cbarbosa@ufv.br>²

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a percepção dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e suas considerações sobre o fracasso escolar. Utilizou-se como fundamentação metodológica a abordagem de pesquisa qualitativa. As causas do fracasso escolar envolvem fatores que vão desde o aluno, a família e suas condições sócio-econômicas e culturais, passando pela escola, pelo sistema escolar e pelo governo. Apesar da presença dessa problemática na realidade pesquisada, as estratégias de ação para combatê-lo se resumem em ações isoladas dos professores, ou seja, a escola como um todo, entendida como instituição cujo objetivo é promover a aprendizagem, não atua nesse sentido. Identificou-se, no entanto, que os professores percebem que a responsabilidade sobre o fracasso escolar é de toda a comunidade, o que sinaliza para uma falta de direcionamento nas práticas escolares, objetivando o combate ao fracasso escolar.

Palavras chave: fracasso escolar, escola, aluno, professor.

INTRODUÇÃO

É significativo o número de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que são reprovados, podendo ser conduzidos à evasão escolar. Tanto a reprovação quanto a evasão são formas que constituem o fracasso escolar.

Segundo ABRAMOWICZ (1997) a repetência passou a ser vista como algo natural. A escola não assume o seu papel na produção dos fracassos, ignorando-os. Os professores desconhecem os processos pelos quais as crianças aprendem ou não conseguem alcançar a aprendizagem. “A repetência está associada à bagunça, à indisciplina, ao não-cumprimento das regras escolares. A repetência está mais associada à questão da educação do que ao saber” (ABRAMOWICZ, 1995 apud ABRAMOWICZ, 1997, p. 167).

O objeto de estudo se baseou na docência, pois é através das concepções e atitudes dos professores que se pode fazer uma educação diferente, significativa, principalmente com alunos propensos ao fracasso escolar.

METODOLOGIA

Este estudo desenvolveu-se fundamentado na abordagem qualitativa. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e de campo com estudos, observações, entrevistas informais e questionários.

A pesquisa de campo realizou-se com professores das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal da zona urbana de Viçosa/MG. Os dados resgatados foram analisados mediante embasamento teórico contemplando a interlocução com os autores estudiosos do tema.

FRACASSO ESCOLAR: UM BREVE PANORAMA

¹ Psicopedagoga formada pela Faculdade de Viçosa – FDV – Viçosa/MG

² Mestre em Educação pela UFJF, Graduada em Pedagogia pela UFRV e Professora da FDV.

De acordo com PERRENOUD (2000, p.18) “normalmente, define-se o fracasso escolar como a simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta “objetiva” de conhecimentos e competências”.

Até a década de 70, o sistema educacional atribuía a não aprendizagem unicamente ao aluno. Somente ele era o responsável pelo seu fracasso. Não eram considerados fatores relevantes no processo ensino-aprendizagem como os conteúdos, a metodologia, a prática pedagógica, enfim a escola e o próprio sistema educacional.

Porém estudos sociológicos³, do final dos anos 60 no século XX, demonstraram que o fracasso escolar incide mais nas camadas de baixa renda. Com isso a explicação para o fracasso passa a ser social, sendo assim o problema não está no aluno, mas no meio em que vive, colocando-se em questão, também a família (SILVA e DAVIS, 1993 e NÓVOA, 1995).

Com as discussões geradas a partir dos estudos sociológicos surge no cenário nacional um novo enfoque para se entender o fracasso escolar: a responsabilidade deixa de ser somente do aluno e da família, passando a ser dividida com todo o sistema educacional.

A questão do fracasso escolar passou a ser vista sob a ótica do reprodutivismo: “destacava-se o fato de que a escola brasileira não dava a devida atenção às diferenças individuais e sócio-culturais, o que acabava por contribuir para a reprodução das desigualdades sociais já existentes” (OLIVEIRA, 2003, p.10).

Sobre a reprodução das condições sociais na escola, BOURDIEU (1975, p. 58) afirma:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.

Essa afirmação de BOURDIEU (1975) é analisada por PERRENOUD (2000, p. 25) que esclarece:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore no conteúdo do ensino transmitido, nos métodos e nas técnicas de transmissão e nos critérios do julgamento, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais: em outras palavras, tratando todos os alunos, por mais desiguais que sejam de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar, na verdade, sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. A igualdade informal que regula a prática pedagógica serve, na verdade, de máscara e de justificativa à indiferença para com as desigualdades reais diante do ensino e diante da cultura ensinada ou, mais exatamente, exigida (PERRENOUD, 2000, p.25).

A educação escolar reproduz as condições da sociedade. Contribuindo nessa discussão, VIEIRA (1996, p. 65) afirma que, o sucesso da escola está em seu fracasso, pois ela não foi construída para atender ao conjunto da sociedade e sim para atender aos interesses da classe dominante, favorecendo a reprodução social e preparando a força de trabalho. A escola não precisa ser boa ou má, pois o que vai influenciar na produção é a capacidade de disciplinar, de ensinar condutas. “O desacerto é acerto, o irracional é racional”.

Intensificam-se os estudos que focam a escola, bem como seus métodos e regras que impedem o trato com grupos de origem sócio-econômica diversificada. (SILVA e DAVIS, 1993; NÓVOA, 1995).

³ Os autores citam os estudos realizados por BOURDIEU e PASSERON (1964, 1967) e investigações realizadas por COLEMAN (1966).

PERRENOUD (2000) questiona a arbitrariedade da escola afirmando que nela utilizam-se instrumentos que não levam em conta a diversidade estudantil no seu contexto sócio-cultural e “medem” o conhecimento dos alunos, tornando-os aptos ou não para serem promovidos à série seguinte.

Para ARROYO (1997, p. 21) o sistema escolar produziu e continua reproduzindo suas disciplinas, sua seriação, suas grades, e se limita a ensinar suas próprias produções e a aprovar ou reprovar com base em critérios de precedência que ele mesmo definiu como mínimos para transitar no percurso escolar.

A escola não respeita a cultura do aluno, impondo a cultura dominante. Como o aluno não se reconhece no contexto da escola, acaba por fracassar. Ao tratar com indiferença as diferenças culturais é que a escola produz o fracasso escolar. Esse fenômeno reforça e alimenta o perverso ciclo que envolve a pobreza, o desemprego e a exclusão social.

Muitos alunos se sentem fracassados quando não são promovidos de série, porém o que não se percebe é que o fracasso escolar acontece de forma processual, ao longo do ano. A concretização do desenvolvimento das capacidades do educando devem ser trabalhadas ao longo de sua escolaridade.

PIAGET (1970, apud MIZUKAMI, 1986) defende que a escola deveria começar ensinando a criança a observar. A verdadeira causa dos fracassos de educação formal, decorre essencialmente do fato de se principiar pela linguagem (acompanhada de desenhos, de ações fictícias ou narradas, etc) ao invés de o fazer pela ação real e material. O educando estará mais motivado a aprender aquilo que tenha significado para ele. Isso é determinante no grau de motivação apresentado em relação às aprendizagens propostas.

Entretanto, ao desconsiderar a realidade do aluno, fica difícil motivá-lo e conduzi-lo a uma aprendizagem significativa⁴. E o que é pior, isso conduz o aluno ao caminho inverso que é o fracasso escolar.

FATORES QUE DETERMINAM O FRACASSO ESCOLAR

Para THOMAZ (2000, p. 86), “há sempre um bode expiatório para o problema do fracasso escolar: a família, o professor da série anterior, o governo, a miséria, o desemprego, a fome, a desnutrição, os problemas de saúde, a promoção automática”.

Considera-se, atualmente que existem inúmeros fatores de ordens (psicológica, sócio-econômico e cultural e escolares) que podem influenciar na aprendizagem e levar os alunos das séries iniciais do ensino fundamental ao fracasso escolar: a) de ordem psicológica relativos aos aspectos cognitivos e de saúde do aluno; b) de ordem sócio-econômica e culturais como as relações familiares, a fome, a desnutrição, as diferenças culturais, a linguagem etc; e c) os fatores organizacionais da escola e, de modo geral, das políticas sociais e educacionais.

Segundo AQUINO (1997) existem discursos que apontam os distúrbios de aprendizagens como sendo de origem psicológica, sendo influenciado pelos fatores emocionais.

Atrelado à questão psicológica está, portanto, outro fator determinante do fracasso escolar: a discriminação presente na sociedade, que rotula o aluno antes mesmo dele começar sua vida estudantil. Às vezes a própria família e os professores rotulam a criança como “sem jeito” para os estudos.

⁴ Ver HOFFMANN, 2002; SILVA, HOFFMANN e ESTEBAN, 2004; MOREIRA e MASINI, 2006.

Quanto às diferenças culturais, tem-se a reprodução social, onde a classe dominante detém o “saber” e a classe dominada detém a “força de trabalho”, gerando riqueza para a classe dominante, confirmando o contexto social em que “saber é poder”.

Do ponto de vista sócio-econômico e cultural tem-se uma confluência de fatores relacionados a vivência do educando em família e na escola. Segundo FONTES (2004, p.1), certos professores no início do ano criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos que acabam por influenciar o seu desempenho escolar. Sem que se percebam os professores adotam preconceitos, podendo afetar o rendimento do aluno, o qual ele julga sem competência para aquisição de conhecimento.

Geralmente percebe-se o fracasso no final do ano escolar, no qual se faz a análise dos que foram promovidos, os evadidos e os que foram reprovados. Esta análise deveria ser processual, proporcionando assim, recuperar o aluno que apresenta menor desempenho escolar. Nessa perspectiva a avaliação formativa⁵ é essencial para o acompanhamento do desenvolvimento dos processos educativos.

Os resultados de uma pesquisa realizada por NUTTI (2001), indicam que professores bem sucedidos na prática docente percebem que o fracasso escolar não é causado por fatores relacionados exclusivamente ao aluno. Nessa perspectiva AQUINO (1997, p. 20) afirma que “não existimos para decretar fracassos, mas para promover aprendizagens”.

O fracasso escolar é causado por diversos fatores sejam eles de ordem psicológica, social ou estrutural e organizacional da escola e ou do sistema. Em muitos casos, tais fatores atuam simultaneamente. No que diz respeito ao papel do educador, não se pode perder de vista essa compreensão sem deixar de reconhecer a parcela que cabe a escola e o que ela pode fazer para o sucesso na aprendizagem de seus alunos.

Assim, a própria ação docente torna-se fator essencial na promoção a aprendizagem, tendo em vista que precisam ficar atentos às possíveis causas que dificultam a aprendizagem, podendo levar o aluno ao fracasso. É preciso ter claro, portanto que esses fatores atuam, na maioria das vezes, entrelaçados.

O FRACASSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A análise da perspectiva dos professores sobre o fracasso escolar foi direcionada pela seguinte categorização: fatores que influenciam o fracasso escolar; como se faz o diagnóstico; as estratégias de ação no combate ao fracasso escolar; e a responsabilidade sobre o fracasso escolar.

Sobre os fatores que influenciam o fracasso escolar este estudo obteve a seguinte representação:

Quadro 01 – Fatores que influenciam o fracasso escolar

Prof./série	Fatores que influenciam o fracasso escolar
--------------------	---

⁵ Ver PERRENOUD, 1999; LUCKESI, 2000; HOFFMANN, 2002; SILVA, HOFFMANN e ESTEBAN, 2004.

A – 1ª	Falta de estímulo para professores e alunos; aulas repetitivas e massantes; falta de compromisso com alunos que apresentam maiores dificuldades.
B – 2ª	Crianças que não têm ajuda em casa; crianças com problema de saúde e emocional; crianças que precisam de atenção especial na escola e infelizmente não têm.
C – 3ª	Desnutrição; salas lotadas; falta de professores recuperadores; aquisição sócio-econômica muito baixa; salários dos professores muito baixo, tendo dupla jornada de trabalho; falta de acompanhamento da família.
D – 4ª	Os meios em que vivem os alunos; situação sócio-econômica; estrutura familiar fora dos padrões; a questão de relacionamento, respeito dentro e fora dos limites e fora da escola, entre os envolvidos no processo.

A posição dos professores ressoa estudos como os de THOMAZ (2000) que coloca a família, o professor da série anterior, o governo, a miséria, o desemprego, a fome, a desnutrição e os problemas de saúde e a própria escola como fatores que interferem no desempenho escolar dos educandos.

Observa-se, porém que ainda existem professores que associam as causas do fracasso escolar somente ao aluno, ou à família, como na resposta da professora “D” da 4ª série, não mencionando fatores relacionados à organização da escola nem do sistema educacional, expressando uma visão restrita quanto ao fracasso escolar como àquela que se tinha na década de 60.

A professora “B”, da 2ª série, também apresenta uma fragilidade na concepção do fracasso escolar ao focalizar o aluno, afirmando que faz o diagnóstico baseando-se naqueles que não acompanham as atividades, como pode-se observar no quadro a seguir:

Quadro 02 – Diagnosticando o fracasso escolar

Prof./série	Como é diagnosticado o fracasso escolar?
A – 1ª	Pela avaliação diagnóstica que mostra as necessidades de intervenção para que ocorra a aprendizagem, uma vez que os alunos que se encontram nesta condição não atingiram os objetivos propostos.
B – 2ª	Crianças que não conseguem acompanhar os conteúdos.
C – 3ª	Desinteresse, evasão e notas baixas.
D – 4ª	É diagnosticado por números. Número de alunos reprovados, repetentes ou evadidos.

Sobre esse aspecto, ABRAMOWICZ (1997) ressalta que os professores desconhecem os processos pelos quais as crianças aprendem. Observa-se, ainda, que o fracasso continua sendo diagnosticado e atacado nas tradicionais análises de processo-produto, que seria por números de alunos que entram e saem, como citado pela professora “D”. Já a resposta da professora “A” sinaliza avanços para uma concepção de avaliação diagnóstica e formativa. Cabe reconhecer que sua resposta talvez tenha sido induzida pela pergunta. No entanto, isso não invalida sua resposta que demonstra claramente sua percepção sobre avaliação. Nessa concepção, AQUINO (1997) esclarece que a avaliação escolar possibilita a identificação das dificuldades, dos sucessos e fracassos, apoiando encaminhamentos e decisões sobre as ações necessárias, sejam elas de natureza pedagógica, administrativa ou estrutural.

Sobre as atitudes do aluno propenso ao fracasso escolar os professores apontam o desinteresse e a indisciplina. Cabe ressaltar que, muitas vezes, a criança se comporta de forma rebelde, deseducada, como uma maneira de expressar as suas frustrações escolares, deixando sinais de necessidades de processos escolares diferenciados ou da ajuda de outros profissionais. O que ocorre, muitas vezes, é que sem preparo suficiente para identificar e ajudar o aluno, como, por exemplo, encaminhando-os à profissionais competentes, os professores reprovam as suas atitudes, sem colocar em questão a própria prática.

Segundo ARROYO (1997, p.18) “os alunos chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse, ou seja, chegam à escola reprováveis”. No entanto, os professores não demonstram compreensão de que tais atitudes dos alunos podem expressar rejeição aos conteúdos, às atividades, ou às normas da escola desconexas com a realidade dos mesmos.

Na análise das estratégias de ação no combate ao fracasso escolar procurou-se saber o que é feito para recuperar a aprendizagem. As respostas das entrevistadas “A”, “B” e “C” relacionam-se com o respeito às diferenças defendido por PERRENOUD (2000). Observa-se, entretanto que suas ações são isoladas, dependendo unicamente da iniciativa do próprio professor, demonstrando não existir uma ação da escola, no seu conjunto, na tentativa de solucionar o problema da não aprendizagem.

O descaso da escola nesse problema é nitidamente percebido na resposta da professora da 4ª série ao responder o que a escola tem feito para auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem. Ela diz: “pouco ou quase nada. Normalmente o aluno é rotulado pelos resultados pouco satisfatórios que atinge e é visto como um problema sem solução”. Tal resposta reflete a questão do preconceito, abordada por FONTES (2004), que além de afetar a aprendizagem condena o aluno como incapaz na aquisição de conhecimento.

Ao rotular a criança, a escola e seus professores estão contribuindo para o seu fracasso, ao passo que, como afirma MIZUKAMI (1986) a escola, deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação motora, verbal e mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sócio-cultural e inovar a sociedade. Deve ser algo que possibilite ao aluno ter um interesse intrínseco à sua própria ação. No entanto, quando a escola não demonstra preocupação com a não aprendizagem, dificilmente estará proporcionando a esses alunos as condições de interventores e inovadores na sociedade.

Na questão da responsabilidade sobre o fracasso escolar, todas as respostas enfatizam a comunidade escolar, como mostra a professora “A” ao afirmar que: “a responsabilidade do fracasso escolar é de toda a comunidade, que engloba todos os profissionais que trabalham na escola, os pais e os próprios alunos”.

Essa compreensão, de imediato, parece incoerente com respostas sobre os fatores determinantes do fracasso escolar. A professora “B”, por exemplo, focaliza a causa do fracasso escolar no educando, além de afirmar que faz o diagnóstico, baseando-se naqueles que não conseguem acompanhar o conteúdo. No entanto, em outro momento da sua fala ela reconhece que a responsabilidade é de toda a comunidade.

Tal incoerência parece positiva, pois sinaliza, em parte, avanço na compreensão sobre o fracasso escolar. Esse avanço pode ser melhor observado na resposta da professora da 4ª série, quando diz que não se pode jogar a responsabilidade apenas na sociedade, na família desestruturada, ou no próprio aluno, pensando que ele não quer aprender. A responsabilidade deve ser dividida também com os professores e quando não conseguem resolver os problemas devem procurar ajuda de outros profissionais.

Esse impasse parece reforçar a necessidade da escola e dos professores buscarem estratégias que levem ao sucesso dos alunos, focando na ação coletiva e na compreensão da questão da não aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apontou inúmeros fatores relacionados fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental os quais dizem respeito:

- a) ao aluno, cujas dificuldades podem se relacionar a aspectos cognitivos, psicológicos, de saúde, emocionais, dentre outros;
- b) à família e as relações que se estabelecem entre os membros e com a escola; por vezes deixa o papel de educar apenas com a escola, isentando-se da responsabilidade e da cooperação, sem compreender a importância de seu papel na educação dos filhos, acabam rotulando-os de “sem jeito para o estudo”;
- c) ao professor e sua situação profissional devido a falta de incentivo na carreira docente: muitas vezes se vê obrigado a trabalhar em várias instituições para seu sustento. Assim, não tendo tempo para planejar aulas, fazer cursos, rever seus métodos e conceitos. Outras vezes falta comprometimento de alguns profissionais;
- d) à escola, que no seu conjunto, mantém-se inerte às dificuldades do educando sem reconhecer que o fracasso do aluno também é dela; com sua organização rígida e métodos infalíveis reprovam ou, adotam uma organização inovadora, “fictícia”, fazendo com que os alunos sejam aprovados sem aprendizagem efetiva;
- e) às condições sócio-econômicas, que afetam os alunos de diversas formas: os obrigam a trabalhar muito cedo; os colocam em situação de fome, miséria desnutrição; a falta de instrução e incentivo dos pais para com a educação dos filhos, e outros fatores dessa natureza;
- g) aos aspectos culturais, especialmente a disparidade entre a bagagem do aluno e a linguagem abordada por professores e livros didáticos, que fogem a sua realidade;
- f) ao sistema de governo, que exerce sua política educacional quantitativa e não qualitativa, referindo-se aos alunos como meros números estatísticos, nacional e internacionalmente.

Observam-se diversos fatores que permeiam o fracasso escolar, os quais estão entrelaçados, de modo que um acarreta outro. As causas do fracasso escolar envolvem fatores que vão desde o aluno, a família e suas condições sócio-econômicas e culturais, passando pela escola, pelo sistema escolar e pelo governo.

Cada um tem sua parcela de responsabilidade que precisa ser assumida. Sem fornecer condições mínimas de aprendizagem, muitas escolas públicas enfrentam situações precárias e os recursos são escassos, gerando um quadro que o governo parece desconhecer. Ou seja, o governo não tem atuado para que todos os alunos que ingressam na escola, nela permaneçam com sucesso. O que se tem visto através da mídia e dos indicadores educacionais é que os alunos estão na escola, mas não estão aprendendo e o governo não tem investido efetivamente na educação. Ainda há muito por se fazer no sentido de criar condições que possam contribuir para o acesso e a permanência das crianças na escola, onde possam ser bem sucedidas.

Os compromissos precisam ser revistos, incluindo o sistema escolar, com seus métodos destinados à aprendizagem, seus sistemas avaliativos, da escola e os objetivos assumidos perante a sociedade. O fato de os professores analisados neste estudo perceberem que a responsabilidade sobre o fracasso escolar é de toda a comunidade, porém demonstrarem que suas ações são isoladas sinaliza para uma falta de direcionamento nas práticas e na organização escolar, enquanto instituição comprometida a aprendizagem.

As estratégias de ação na promoção da aprendizagem ou no combate ao fracasso escolar não podem continuar à mercê de ações isoladas de professores bem intencionados como observado na realidade pesquisada. Embora os professores percebam que a responsabilidade sobre o fracasso escolar é de toda a comunidade, tal concepção precisa ser tomada de fato pela sociedade na luta por um ensino melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP : Papiros, 1997. p.11-26.
- ABRAMOWICZ, Anete. **Quem são as crianças multirrepetentes?** In: ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP: Papiros, 1997. p.161-172.
- AQUINO, Júlio G.. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sumus, 1997.
- ARROYO, Miguel G. **Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. In: ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas, SP : Papiros, 1997. p.11-26.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de reprodução**. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
- FONTES, Carlos. **Insucesso escolar**. Disponível em: <<http://educar.no.sapo.pt/insucesso.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2004.
- HOFFMANN, J. **Avaliar para Promover: as Setas do Caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo : EPU, 1986.
- MOREIRA, M. A. e MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- NÓVOA, Antônio (coord). **As organizações escolares em análise**. Instituto de Inovação Educacional. Lisboa, Portugal : Publicações Dom Quixote, 1995.
- NUTTI, Juliana Fantut. **Professores e especialistas diante do fracasso escolar**. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em 20 de abril de 2004.
- OLIVEIRA, Carmem Inêz de. **O sistema de ciclo na rede estadual de Minas Gerais: um desafio à comunidade escolar**. Juiz de Fora, 2003. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação, da excelência à regulação da aprendizagem: entre duas lógicas**. 1. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SILVA, Rose N. da; DAVIS, Cláudia. É preciso repetir. **Estudos em avaliação educacional**. São Paulo, n. 7, p. 5-44, jan/jul, 1993.
- SILVA, Janssen Felipe da, HOFFMANN, Jussara e ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- THOMAZ, S. B.. **O fracasso escolar no cotidiano da escola**. Presença Pedagógica nº 45. maio/junho 2002
- VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da educação: reproduzir e transformar**. 3ª ed. São Paulo : FTD, 1996.